

Projeto: Políticas Públicas para Crianças e Adolescentes em Situação de Rua: desafios da implementação

Levantamento da Produção Acadêmica sobre População Infantil e Adolescente em Situação de Rua no Brasil (2000-2015)

Coordenação: Irene Rizzini (PUC-RIO/CIESPI - Apoio: FAPERJ/CNE)

Ficha

1) Referência - NOGUEIRA, Luciana de Alcântara; BELLINI, Luzia Marta. Sexualidade e violência, o que é isso para jovens que vivem na rua? Texto Contexto Enferm., Florianópolis, 15(4), p. 610-6, out./dez. 2006.

2) Resumo e Palavras-Chave - Apresentamos neste trabalho os modos de pensar de seis adolescentes sobre suas vidas afetiva e sexual. Estes viviam nas ruas da cidade de Maringá, Paraná e por isso foram encaminhados ao Abrigo Municipal da cidade. Tinham comportamento sexual precoce, com práticas sexuais consentidas ou não. Em 2005 desenvolvemos no abrigo uma pesquisa qualitativa para o estudo de caso. Entrevistamos jovens que apresentam hábitos, crenças e valores bem diferentes dos jovens de classe média. Os jovens eram oriundos de famílias excluídas do trabalho e não frequentavam a escola. Para eles, a sexualidade é vivenciada como algo novo e prazeroso. Sexo é o que encontram de bom na vida de rua (ou institucionalizados). Não há como estabelecer uma relação direta entre sexualidade e violência entre estes jovens, já que sexualidade para eles é vivenciada como momentos de prazer e afetividade.

Palavras-Chave: adolescente; sexualidade; violência.

3) Objetivo do estudo - apresentar os modos de pensar de seis adolescentes sobre suas vidas afetiva e sexual.

4) Tipo de pesquisa - pesquisa qualitativa (6 adolescentes - quatro do sexo feminino e dois do sexo masculino - que viviam nas ruas de Maringá/PR e foram encaminhados para o Abrigo Provisório Municipal da cidade até que fossem localizadas as suas famílias).

5) Período da pesquisa – 2005.

6) Forma de coleta de dados - observação associada à entrevista não-estruturada. Utilizamos um Diário de Campo, à semelhança de pesquisas antropológicas para anotações das datas, horários do pesquisador no abrigo, dos hábitos dos adolescentes, das regras do abrigo, tipos de jogos e modo de relacionamento entre os adolescentes e os educadores do abrigo.

7) Forma de análise dos dados produzidos / referencial teórico - Para definir violência e comportamento de risco utilizamos três autores como referenciais teóricos (CAMARGO, ALVES, QUIRINO, 2005; FONSECA, 1995 e 2000; MEDEIROS, FERRIANI, MUNARI, GOMES, 2001 e 2002). As investigações dos referenciais utilizados indicam que a propalada violência entre os jovens tem sua origem na desigualdade social e de poder. A violência entre os jovens em situação de risco significa uma ruptura de contrato da sociedade brasileira com sua futura geração. Um contrato que significa educação, saúde e preparo emocional.

8) Resultados / dados produzidos - Dos seis jovens entrevistados, nenhum tinha vínculo com sua família e não frequentavam a escola. Eram alfabetizados, embora a leitura e escrita fossem bastante precárias. Tanto os meninos quanto as meninas falaram de sexo de modo tranquilo. Sexualidade/sexo não pareceu ser um tema tabu. Os seis adolescentes que conhecemos apresentam hábitos, crenças e valores bem diferentes dos jovens de classe média. Oriundos de famílias excluídas do trabalho, também não têm nenhum meio para sobreviver. Não foram à escola depois de precária alfabetização e desconhecem as informações sobre higiene e saúde. Rubi, Água marinha, Quartzo, Esmeralda, Diamante e Topázio não viram outra opção a não ser morar na rua onde se encontraram com outros jovens e formaram suas famílias. Agrupam-se para dormir e para o sexo, pois isso gera a sensação de segurança. Quando são abordados pelos Conselhos Tutelares e/ou Promotoria e outros órgãos responsáveis pelos direitos da criança e do jovem, são levados para instituições de cunho assistencial. Estes abrigos/lares mantêm as crianças e os jovens isolados e, desse modo, eles fogem e retornam para as ruas de Maringá ao encontro de seus amigos, sua “família”. Nas ruas da cidade são vítimas de gangues, sofrem violências físicas, sexuais, são rotulados como “trombadinhas” e “sem-vergonhas”, e sofrem humilhações da polícia. A fuga dos lares e do Abrigo Provisório Municipal de Maringá se dá, segundo os jovens, por não se sentirem em casa. Os adolescentes entrevistados vivenciam a sexualidade como algo novo e prazeroso. A sexualidade é o que encontram de bom na vida de rua (ou institucionalizados). Descrevem que para fugir da fome, do frio, da exclusão social e da violência diárias, os adolescentes usam drogas como estratégia de sobrevivência. As manifestações afetivas entre meninos e meninas que estão ou já passaram pela rua são pouco comuns e até mesmo agressivas, no entanto, são os referenciais de afeto. Entre os seis jovens há circulação de parceiros com bastante frequência. Entre eles não há um parceiro fixo. Tanto as meninas quanto os meninos trocam de parceiro no grupo que convivem ou com jovens de outros grupos, com certa naturalidade. A sexualidade, para eles, é aguçada, é uma necessidade. Os jovens do abrigo precisam se sentir desejados. Observamos, no abrigo, que usam estratégias de sedução pelas roupas pequenas como “shorts” curtos e mini-blusas, e os meninos não usam camiseta. As meninas de nosso estudo não fazem uso de preservativo e de métodos contraceptivos nas suas relações sexuais. Geralmente não usam camisinha porque atendem ao apelo do parceiro ou, então, por considerar desnecessário, já que conheciam o jovem e tinham estabelecido com este uma relação de confiança. Quanto às relações homossexuais, elas existem, porém o jovem que assume o papel passivo na relação mostra sinal de fraqueza e falta de masculinidade. No entanto, quando ocorre a relação homossexual entre os jovens ou com parceiros desconhecidos, não há

discriminação, já que todos sabem que, se necessário, também o teriam tido. O uso de drogas entre os jovens do abrigo é frequente. Todos fazem ou já fizeram uso de algum tipo de droga. As mais usadas são, em geral, as mais baratas e mais fáceis de encontrar, como a maconha e a cola de sapateiro. Entre os seis jovens do abrigo não há como estabelecer uma relação direta entre sexualidade e violência. Como dissemos, a sexualidade para eles é vivenciada como momentos de prazer e afetividade. Afastados da escola, da família (e sem poder constituir outra), sem atendimento odontológico e médico, os jovens criam outras dimensões para a sobrevivência física e psíquica. A sexualidade dos seis jovens insere-se em um mundo de muitos abandonos, da família, da escola, e mesmo do abrigo provisório municipal. Para eles, participar do grupo das ruas significa estabelecer a outra família e a sexualidade, aí, é vista como prática de liberdade, afetividade e, talvez, até mesmo de poder.

9) Recomendações - Um dos papéis dos enfermeiros e educadores é compreender a distância social desses jovens da política econômica, social e cultural. Compete-nos entender como são elaborados os valores sociais desses grupos excluídos e com eles estabelecer programas educacionais.

10) Observações e destaques - O Abrigo Municipal funciona como uma sociedade civil de caráter assistencial com a finalidade de proteção e educação da criança, sem fins lucrativos. Conta com cerca de 20 funcionários. Escolhemos esta instituição para a presente pesquisa, pois é a única que permanece em funcionamento o ano todo, um critério considerado fundamental para nosso estudo.

Ficha construída a partir de trechos extraídos do texto original.